PRÁTICAS DE CUIDADOS DE SAÚDE SEXUAL NA COMUNIDADE LGBTQIA+ - Uma revisão literária

SEXUAL HEALTH CARE PRACTICES IN THE LGBTQIA+ COMMUNITY - A literary review

1. Ana Beatriz de Oliveira Beserra
1. Juliana Tatsumi Oikawa
2. Patrícia Lius Melo Alves
Afiliação: 1. Acadêmicas do curso de Biomedicina da Universidade de Sorocaba
2. Professora adjunta da Universidade de Sorocaba

Resumo: Este trabalho tem como objetivo realizar uma revisão literária sobre as práticas de cuidados de saúde sexual na comunidade LGBTQIA+, destacando os principais desafios e oportunidades para melhorar o acesso e a qualidade do atendimento prestado a essa população. A pesquisa foi realizada utilizando a estratégia PICO, abrangendo artigos publicados entre 2019 e 2024, que abordam a saúde sexual da comunidade LGBTQIA+. Os resultados apontam para a necessidade urgente de capacitação contínua dos profissionais de saúde, desenvolvimento de políticas públicas inclusivas e criação de práticas baseadas em evidências que respeitem a diversidade sexual e de gênero. Embora algumas iniciativas, como a profilaxia pré-exposição (PrEP), tenham demonstrado avanços, a discriminação e o estigma ainda representam grandes barreiras. Para futuros estudos, é crucial que mais pesquisas com amostras representativas e instrumentos validados sejam realizadas, além da implementação de políticas de saúde que garantam equidade no atendimento.

Palavras-chave: *LGBTQIA+*; saúde sexual; inclusão.

Abstract: This study aims to conduct a literature review on sexual health care practices in the LGBTQIA+ community, highlighting the main challenges and opportunities to improve access and the quality of care provided to this population. The research used the PICO strategy, covering articles published between 2019 and 2024, focusing on the sexual health of the LGBTQIA+ community. The findings emphasize the urgent need for continuous health professional training, the development of inclusive public policies, and the creation of evidence-based practices that respect sexual and gender diversity. While some initiatives, such as pre-exposure prophylaxis (PrEP), have shown progress, discrimination and stigma still pose significant barriers. For future studies, it is essential to conduct more research with representative samples and validated instruments, in addition to implementing health policies that ensure equity in care.

Keywords: *LGBTQIA+*; sexual health; inclusion.

1 INTRODUÇÃO

A saúde sexual pode ser definida como um estado de bem estar relacionado a sexualidade de uma forma geral, isso diz respeito não apenas a ausência de doenças, dinfunções ou enfermidade, como também a possibilidade de obter experiências prazerosas e seguras, livres de coerção, discriminação e violência. (1)

A diversidade sexual e de gênero é uma realidade individual à condição humana, manifestando-se de diversas formas ao redor do mundo. Dentro desse espectro, a população de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Queer, Intersexuais e outras identidades (LGBTQIA+), aparece como um grupo cujas experiências de saúde sexual frequentemente são marginalizadas e negligenciadas pelos sistemas de saúde. (2)

Enquanto a saúde sexual é um direito humano fundamental, indivíduos LGBTQIA+ enfrentam uma série de barreiras sistêmicas e sociais que impactam negativamente o acesso a serviços de saúde inclusivos e sensíveis à diversidade. Aspectos como estigma, discriminação, falta de treinamento adequado dos profissionais de saúde e políticas restritivas são apenas algumas das dificuldades enfrentadas por essa comunidade ao buscar cuidados relacionados à sua saúde sexual e reprodutiva.(3) Além disso, a educação sexual inclusiva e abrangente muitas vezes falha no papel de reconhecer a diversidade de experiências e identidades apresentadas pela comunidade LGBTQIA+, deixando lacunas no conhecimento e na capacidade de tomar decisões informadas sobre saúde sexual.(4)

A comunidade LGBTQIA+ enfrenta diversos desafios em relação ao acesso e à qualidade dos serviços de saúde, especialmente no que tange à saúde sexual. Estudos revelam que essa população lida com discriminação institucionalizada e preconceito dentro do sistema de saúde, o que contribui para a marginalização e para a subutilização dos serviços oferecidos.(5) Além disso, muitos profissionais de saúde carecem de capacitação e sensibilidade para lidar adequadamente com as necessidades específicas desse grupo, o que compromete a prestação de cuidados humanizados e eficazes. Esses fatores, somados ao estigma social, elevam os riscos de problemas de saúde sexual, como infecções sexualmente transmissíveis (ISTs), e dificultam a implementação de políticas de prevenção e tratamento voltadas para as demandas dessa população.(6)

Ao abordar essa temática, busca-se não apenas promover a equidade em saúde, mas também reconhecer e celebrar a riqueza da diversidade humana,

garantindo que todos tenham acesso igualitário a serviços de saúde que respeitem e valorizem suas identidades e experiências como idivíduo. [7]

A revisão proposta tem como foco a análise da saúde sexual na comunidade LGBTQIA+, utilizando estudos que visam oferecer uma visão abrangente das considerações específicas para indivíduos pertencentes a essa comunidade e explorar as práticas de cuidados de saúde inclusivos e baseados em evidências nesse contexto. [8]

A pesquisa se concentrará em compreender como os profissionais de saúde podem melhor atender às necessidades reprodutivas dessa população e promover a igualdade de acesso a serviços de saúde. A justificativa para a realização deste estudo reside na necessidade de ampliar o conhecimento e a conscientização sobre as questões de saúde sexual e reprodutiva enfrentadas pela comunidade LGBTQIA+. A falta de inclusão e sensibilidade nos serviços de saúde pode resultar em barreiras no atendimento e impactar negativamente o bem-estar desses indivíduos. Portanto, o projeto busca contribuir para a promoção de práticas de cuidados de saúde mais inclusivas, informadas e culturalmente sensíveis para esta comunidade.

Diante desse cenário, é indispensável explorar de forma mais aprofundada as questões relacionadas à saúde sexual nesta comunidade. Desta forma, é objetivo deste trabalho compreender os desafios enfrentados por esses indivíduos, além de identificar oportunidades para promover políticas, programas e práticas de saúde que sejam inclusivos, respeitosos e eficazes para atender às suas necessidades específicas.

2 METODOLOGIA

A busca foi realizada na base de dados MEDLINE via PUBMED utilizando como descritores os termos “Sexual Health” (Saúde Sexual), “Sexual Minorities” (Minorias Sexuais) and “Case report” (Relato de Caso) selecionados por meio dos descritores em ciência da Saúde (DeCS) e do Medical Subject Headings (MeSH). Foi utilizada a “Estratégia PICO”, uma técnica utilizada na área de saúde e pesquisa científica para a definição de perguntas direcionadas, em que “P”: Indivíduos pertencentes a comunidade LGBTQIA+, “I”: Acesso a saúde sexual adequadas, “C”: Acesso a saúde sexual para indivíduos não homossexuais. “O”: Melhoria do acesso a serviços de saúde sexual para indivíduos pertencentes a comunidade LGBTQIA+.

Foram incluídos artigos relacionados ao tema de saúde sexual em minorias sexuais pertencentes a comunidade LGBTQIA+, publicados entre 2019 a 2024, visando abarcar um estudo mais recente do tema. Foram excluídos artigos não relacionados ao tema de saúde sexual ou a não abordagem específica relacionada à comunidade de minoria sexual. Foram excluídos artigos com foco exclusivo em doenças específicas não relevantes ao tema e artigos que se concentram em aspectos sociais, legais ou psicológicos.

Os títulos pré-selecionados foram analisados com base na estratégia PICO para identificar apenas aqueles que atendiam aos critérios de inclusão. Em seguida, foi realizada a leitura completa dos artigos para garantir que eles cumpriam os critérios estabelecidos para a revisão.

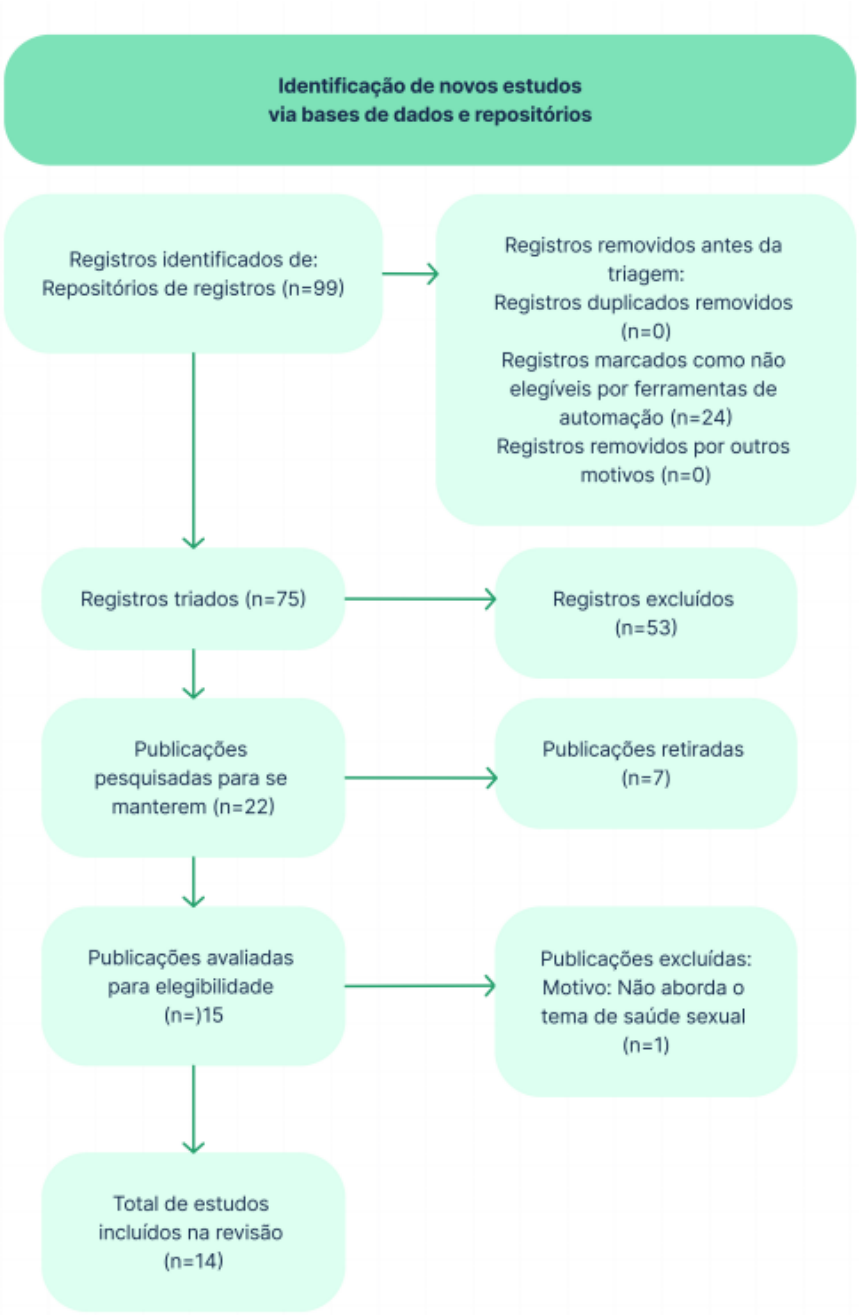
3 RESULTADOS

O processo de seleção dos estudos incluídos nesta revisão literária foi conduzido de acordo com o diagrama PRISMA, conforme ilustrado na Tabela 1. Inicialmente, foram identificados 99 registros a partir da basea de dados MEDLINE. Desses, 24 foram removidos automaticamente por não atenderem aos critérios de elegibilidade devido ao prazo de 5 anos, sendo os excluídos anteriores a 2019.

Após essa etapa, 75 registros foram triados manualmente, resultando na exclusão de 53 registros por não se adequarem ao escopo da pesquisa. Assim, 22 publicações foram consideradas para análise mais detalhada, das quais 7 foram retiradas durante o processo por restrição de acesso completo do conteúdo.

Na etapa seguinte, 15 publicações foram avaliadas quanto à elegibilidade. No entanto, 1 publicação foi excluída por não abordar diretamente o tema central deste trabalho, relacionado à saúde sexual da comunidade LGBTQIA+. Ao final do processo, 14 estudos foram considerados elegíveis e incluídos na revisão.

Tabela 1 – Tabela PRISMA



Estabelecimento de critérios de inclusão e exclusão de artigos.
Fonte: Elaboração própria.

A saúde sexual da comunidade LGBTQIA+ tem sido um tema crescente de investigação, especialmente devido às barreiras e desafios únicos enfrentados por essa população. Nesta revisão, os artigos selecionados foram organizados por temas centrais que emergem da literatura abordada: qualidade de vida e função sexual, tratamento de infecções sexualmente transmissíveis (ISTs), cuidados específicos para a população de transgêneros e necessidades de saúde neurológica e mental. Cada

tema aborda diferentes aspectos da saúde sexual, ressaltando a importância da inclusão de práticas de cuidado inclusivas e sensíveis.

Um dos temas recorrentes é o impacto do tratamento de condições graves, como o câncer, na qualidade de vida e função sexual de homens que fazem sexo com homens. O artigo de referência sobre homens tratados para câncer anal revela que a qualidade de vida e a função sexual dessa população são severamente impactadas durante e após o tratamento. Embora os resultados mostrem uma melhora gradual, a saúde mental e sexual desses indivíduos continua vulnerável. Esse estudo reforça a necessidade de um suporte psicológico adequado e de cuidados adaptados, levando em consideração os fatores de estresse enfrentados por essa população, como o estigma e a marginalização. [9]

A literatura também destaca a importância de estratégias mais inclusivas para o tratamento de ISTs na comunidade LGBTQIA+. A terapia acelerada do parceiro (EPT) foi identificada como uma prática promissora para reduzir a transmissão de clamídia em MSM. No entanto, há uma carência de estudos sobre a eficácia da EPT especificamente para essa população, o que limita as recomendações baseadas em evidências. Além disso, o estudo sobre a transmissão do HIV em casais serodiferentes destaca que, embora a terapia antirretroviral tenha sido eficaz na prevenção, a resistência a medicamentos é uma preocupação crescente.[10] Esses achados reforçam a necessidade de mais políticas de saúde pública focadas na educação sexual voltada também a homossexualidade e no acesso a tratamentos preventivos, como a profilaxia pré-exposição.

Vários estudos discutem as particularidades dos cuidados de saúde para a população trans, abordando desde a terapia hormonal até questões de saúde mental. O artigo sobre hipertensão intracraniana idiopática em mulheres trans aponta para um risco potencial associado à terapia hormonal, destacando a importância de um monitoramento cuidadoso. Em contrapartida, o artigo sobre homens trans que realizam mastectomia sugere que, embora a mastectomia profilática reduza o risco de câncer de mama, ainda há casos documentados, o que reforça a necessidade de protocolos de triagem mais inclusivos para essa população.[11] Por fim, o artigo sobre adolescentes trans chama a atenção para os riscos de tromboembolismo venoso associados à terapia hormonal, destacando que a avaliação de risco deve ser individualizada e acompanhada através de suporte contínuo.[12]

A saúde neurológica e mental da comunidade LGBTQIA+ também é um ponto de destaque na revisão. O artigo que aborda a saúde neurológica de minorias sexuais e de gênero revela uma lacuna significativa na pesquisa, especialmente em relação a complicações neurológicas associadas ao HIV. [13] Além disso, as disparidades de saúde mental, como a alta prevalência de transtornos de ansiedade e depressão, são ressaltadas em diversos estudos, sugerindo que as práticas de cuidados de saúde mental precisam ser mais inclusivas e adaptadas às necessidades dessa população.

Nos estudos revisados, diversos padrões comuns foram observados, como a urgência em melhorar o acesso a cuidados de saúde inclusivos e a necessidade de treinamento adequado para os profissionais de saúde. Esses pontos foram frequentemente mencionados, reforçando a ideia de que a falta de capacitação pode aumentar as barreiras de acesso a serviços essenciais para a comunidade LGBTQIA+.

Por outro lado, algumas discrepâncias foram encontradas, especialmente no que diz respeito aos efeitos de tratamentos hormonais na população trans. Enquanto alguns estudos apontam riscos associados à terapia hormonal, como tromboembolismo e hipertensão intracraniana, outros artigos sugerem que a terapia com testosterona pode, em certos casos, reduzir riscos como o câncer de mama. [11,12 e 14]

4 DISCUSSÃO

A presente revisão evidenciou que, embora a literatura abordada tenha avançado na compreensão das necessidades de saúde da comunidade LGBTQIA+, ainda existem lacunas significativas, especialmente no que tange à qualidade e equidade do atendimento prestado. A análise crítica dos estudos revisados aponta para a importância de práticas de saúde inclusivas, mas também revela limitações metodológicas em muitos dos artigos analisados.

Um dos pontos mais fortes observados é a crescente atenção dada à qualidade de vida e função sexual de populações negligenciadas, como homens que fazem sexo com homens e indivíduos transgêneros. Por exemplo, enquanto a terapia hormonal em pessoas trans é amplamente utilizada, há evidências mistas sobre seus riscos, como tromboembolismo venoso e hipertensão intracraniana, o que exige uma abordagem cuidadosa e mais estudos. [12 e 14]

A eficácia de intervenções preventivas, como a profilaxia pré-exposição (PrEP) e a terapia de parceiro expedita (EPT) no contexto das ISTs, foi outro tema recorrente. A PrEP, por exemplo, tem se mostrado altamente eficaz na prevenção da transmissão do HIV, especialmente em homens gays e bissexuais, mas o uso de EPT para clamídia carece de evidências robustas na população estudada. [15] Isso sugere que, enquanto algumas práticas preventivas já são validadas, outras ainda precisam de mais estudos para serem plenamente recomendadas.

Além disso, muitos estudos apontam a necessidade urgente de treinamento adequado e contínuo dos profissionais de saúde. A falta de capacitação para lidar com as demandas específicas da comunidade LGBTQIA+ leva a um atendimento fragmentado e, por vezes, discriminatório, como observado em diversos artigos. [16, 17 e 18] Este fator é central para a subutilização dos serviços de saúde por essa população, que frequentemente encontra barreiras institucionais e sociais ao buscar atendimento.

Por fim, a revisão revela a importância de integrar as práticas de cuidados de saúde sexual a uma perspectiva inclusiva, promovendo não só a prevenção e tratamento de doenças, mas também o bem-estar psicológico e social da comunidade LGBTQIA+. Para que isso seja possível, são necessários investimentos contínuos em pesquisa, formação de profissionais de saúde e na criação de políticas públicas que garantam o acesso equitativo e a valorização da diversidade sexual e de gênero.

Nesta revisão, a maioria dos estudos analisados foca em homens que fazem sexo com homens, representando homens gays e bissexuais. Além disso, há uma atenção crescente à população transgênera (T), com vários estudos discutindo os impactos da terapia hormonal e as necessidades específicas de saúde dessa comunidade. No entanto, é notável a escassez de estudos voltados para outras identidades da sigla, como pessoas Queer (Q), Intersexuais (I), Lésbicas (L), Mulheres Bissexuais (B) e Assexuais (A). A ausência de artigos que abordem essas populações reforça a necessidade de uma ampliação da pesquisa científica, que leve em consideração a diversidade completa da comunidade LGBTQIA+. A falta de dados sobre essas identidades invisibiliza suas experiências de saúde, o que pode perpetuar a exclusão e as barreiras de acesso aos cuidados de saúde sexual. Portanto, é urgente que futuros estudos e políticas de saúde deem mais atenção a essas identidades menos representadas, a fim de promover um atendimento inclusivo e equitativo para toda a comunidade LGBTQIA+.

5 CONCLUSÃO

Os estudos revisados apontam para desafios significativos na saúde sexual da comunidade LGBTQIA+, especialmente em termos de acesso e qualidade do atendimento. As principais descobertas indicam que há uma necessidade urgente de políticas de saúde inclusivas e de maior conscientização entre os profissionais de saúde. Para futuras pesquisas, é essencial investigar o impacto de práticas de cuidado adaptadas às necessidades dessa população, além de continuar promovendo o desenvolvimento de protocolos de saúde que considerem a diversidade sexual e de gênero.

A revisão realizada sobre as práticas de cuidados de saúde sexual na comunidade LGBTQIA+ revelou desafios substanciais e oportunidades para melhorar o acesso e a qualidade do atendimento prestado a essa população. Os estudos analisados apontam que, apesar de avanços importantes, como a implementação da profilaxia pré-exposição (PrEP) e o aumento da conscientização sobre a diversidade sexual e de gênero, barreiras significativas ainda impedem o pleno acesso a serviços de saúde inclusivos e equitativos.

A discriminação, o estigma institucional e a falta de capacitação entre os profissionais de saúde foram fatores recorrentes destacados nos estudos, afetando diretamente a busca por cuidados por parte da comunidade LGBTQIA+. Muitas pessoas ainda enfrentam preconceito e atendimento inadequado, especialmente em contextos onde os profissionais de saúde não possuem treinamento específico para lidar com as demandas dessa população, como observado em estudos sobre a população de transgêneros e homens gays ou bissexuais.

Os principais achados desta revisão reforçam a necessidade de investimentos contínuos em capacitação de profissionais de saúde, para que possam prestar um atendimento que respeite as identidades e experiências de seus pacientes. Além disso, as políticas de saúde pública precisam ser aprimoradas para incluir diretrizes claras e práticas que garantam o acesso equitativo a todos, independentemente de sua orientação sexual ou identidade de gênero.

Em termos de pesquisa futura, é fundamental que novos estudos abordem essas lacunas, com amostras mais representativas, bem como a validação de instrumentos de pesquisa que sejam adequados ao contexto cultural e social de cada paciente. Estudos longitudinais também são necessários para entender melhor os

impactos de longo prazo das intervenções de saúde, especialmente no que se refere ao uso de terapias hormonais em pessoas transgêneras e às práticas preventivas, como a PrEP e a EPT.

Portanto, essa revisão destaca a importância de um atendimento de saúde sexual que seja inclusivo, culturalmente sensível e baseado em evidências, com foco na promoção da equidade em saúde. Ao reconhecer e respeitar a diversidade sexual e de gênero, é possível não só reduzir as barreiras de acesso, mas também melhorar significativamente o bem-estar geral da comunidade LGBTQIA+, promovendo práticas de saúde mais seguras, humanizadas e eficazes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Organização Mundial de Saúde. Sexual and Reproductive Health and Research (SRH). Geneva: WHO; 1981.

2. Wahlen R, Bize R, Wang J, Merglen A, Ambresin AE. Medical students' knowledge of and attitudes towards LGBT people and their health care needs: Impact of a lecture on LGBT health. Zweigenthal VEM, organizador. PLOS ONE. 1º de julho de 2020;15(7):e0234743.

3. Giblon R, Bauer GR. Health care availability, quality, and unmet need: a comparison of transgender and cisgender residents of Ontario, Canada. BMC Health Serv Res. dezembro de 2017;17(1):283.

4. Ho SH, Shamsudin AH, Liow JW, Juhari JA, Ling SA, Tan K. Mental Healthcare Needs and Experiences of LGBT+ Individuals in Malaysia: Utility, Enablers, and Barriers. Healthcare. 13 de maio de 2024;12(10):998.

5. Miskolci R, Signorelli MC, Canavese D, Teixeira FDB, Polidoro M, Moretti-Pires RO, et al. Desafios da saúde da população LGBTI+ no Brasil: uma análise do cenário por triangulação de métodos. Ciênc Saúde Coletiva. outubro de 2022;27(10):3815–24.

6. Costa-Val A, Manganelli MDS, Moraes VMFD, Cano-Prais HA, Ribeiro GM. O cuidado da população LGBT na perspectiva de profissionais da Atenção Primária à Saúde. Physis Rev Saúde Coletiva.

7. Saewyc EM. Research on Adolescent Sexual Orientation: Development, Health Disparities, Stigma, and Resilience. J Res Adolesc. março de 2011;21(1):256–72.

8. Montoya MN, Peipert BJ, Whicker D, Gray B. Reproductive Considerations for the LGBTQ+ Community. Prim Care Clin Off Pract. junho de 2021;48(2):283–97.

9. Mauro GP, Da Conceição Vasconcelos KGM, Carvalho HDA. Quality of Life and Sexual Function of Men Who Have Sex with Men Treated for Anal Cancer: A Prospective Trial of a Neglected Population. J Sex Med. 1º de agosto de 2021;18(8):1461–6.

10. Koole JC, De La Court F, Welkers MR, Yap K, Stalenhoef JE, Jurriaans S, et al. HIV-1-infection in a man who has sex with men despite self-reported excellent adherence to pre-exposure prophylaxis, the Netherlands, August 2021: be alert to emtricitabine/tenofovir-resistant strain transmission. Eurosurveillance.

11. Kopetti C, Schaffer C, Zaman K, Liapi A, Di Summa PG, Bauquis O. Invasive Breast Cancer in a Trans Man After Bilateral Mastectomy: Case Report and Literature Review. Clin Breast Cancer. junho de 2021;21(3):e154–7.

12. Fan EM, Gordner C, Luty J. Venous Thromboembolism in a Transgender Adolescent on Testosterone Therapy: A Case Report and Literature Review. J Pediatr Hematol Oncol. julho de 2020;42(5):e352–4.

13. Rosendale N, Wong JO, Flatt JD, Whitaker E. Sexual and Gender Minority Health in Neurology: A Scoping Review. JAMA Neurol. 1º de junho de 2021;78(6):747.

14. Wang Y, McClelland C, Lee S, Lee MS. Pseudotumor cerebri in a transgender woman: case report and literature review. Can J Ophthalmol. junho de 2020;55(3):e110.

15. Braun HM, Taylor JL. It's Time to Expand Chlamydia Treatment for Gay and Bisexual Men. Ann Fam Med. março de 2021;19(2):168–70.

16. Kim E, Mukerji S, Debryn D, Price R, Streed C, Nozari A. Oxygen desaturation in a transgender man: initial concerns and recommendations regarding the practice of chest binding: a case report. J Med Case Reports. 4 de setembro de 2022;16(1):333.

17. Ejaife OL, Ho IK. Healthcare experiences of a Black lesbian in the United States. J Health Psychol. janeiro de 2019;24(1):52–64.

18. Stevens EE, Abrahm JL. Adding Silver to the Rainbow: Palliative and End-of-Life Care for the Geriatric LGBTQ Patient. J Palliat Med. maio de 2019;22(5):602–6.

19. Aboujaoude E, Starcevic V. Case Report: Doubts and Pre-occupations About Being Transgender: Questioning One's Gender Identity or a Case of Obsessive-Compulsive Disorder? Front Psychiatry. 30 de março de 2021;12:644114.

20. Menard L, Misquith C. Providing real-time resources in support of LGBTQ+ and HIV+ populations as information experts on the ECHO hub team: a case report. J Med Libr Assoc. 22 de novembro de 2021. 109(4).

21. Kleinschmidt-DeMasters BK. Pituitary Adenomas in Transgender Individuals? J Neuropathol Exp Neurol. 1º de janeiro de 2020;79(1):62–6.

22. Pang KC, Notini L, McDougall R, Gillam L, Savulescu J, Wilkinson D, et al. Long-term Puberty Suppression for a Nonbinary Teenager. Pediatrics. 1º de fevereiro de 2020;145(2):e20191606.